

O autor deste livro – decano da Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas da Universidade de Laval (Québec) – tem-se especializado no estudo do Vaticano II, na sua história, sua recepção e sua hermenêutica. No texto aqui apresentado procura ir ao encontro de questões como: Que nos resta hoje desta grande reviravolta impulsionada por João XXIII e vivida por Paulo VI? Que nos ensinou? Como é que os fiéis se apropriaram do seu ensino? Que fizeram dele? Como o têm transmitido? Em que é que esta herança faz parte ainda hoje da vida da Igreja? Para lhes responder, procura trazer à luz as grandes linhas reformadoras do Concílio, tendo em conta o passado da tradição (conciliar e mesmo pré-conciliar) e tendo em vista as novas gerações que, após cinquenta anos de Igreja sob o signo do mesmo Concílio, são chamadas a modelar por ele a vida futura da Igreja.

Para tal, após um primeiro capítulo introdutório em que explica os seus objetivos no livro em causa, distribui as suas reflexões por três partes. Na primeira – «Au fil des générations» – estuda primeiro a recepção do Vaticano II por gerações sucessivas e não raro muito diversas e com interações complexas, sobretudo no que respeita à relação da Igreja com o mundo. Um segundo capítulo é dedicado às interpretações, também diversificadas, de sucessivas gerações. Aí presta especial atenção à geração deste tempo e ao como ler hoje os textos conciliares produzidos há cinquenta anos.

A segunda parte – «Hermenêutica e debates» – num primeiro capítulo analisa as tensões, reformas e procura de consenso, após um século XIX altamente agitado um século XX cheio de problemas, e examinando as tensões propriamente pós-conciliares. Segue-se um capítulo sobre a pastoralidade no Vaticano II. O capítulo seguinte apresenta a hermenêutica da reforma como tarefa

para a teologia, com particular atenção a uma certa «hermenêutica da ruptura». O capítulo seguinte é sobre a necessidade de pensar a relação com a tradição, tendo em conta as vicissitudes da crise modernista e chamando a atenção para o perigo da regressão. O último capítulo desta segunda parte incide sobre a hermenêutica do Vaticano II. Consciente de tentativas para minimizar o Concílio por meio de interpretações minimalistas, que o esvaziavam do mais vital dele mesmo, e pondo em relevo algumas práticas hermenêuticas pioneiras, o autor considera justamente a hermenêutica como reveladora de práticas *a priori* divergentes sobre o Vaticano II.

A terceira parte – «O futuro» – integra de três capítulos. Neles tem em conta a ideia desse mestre da hermenêutica que foi H.-G. Gadamer, ideia da fusão dos horizontes do passado e do presente aberto ao futuro. É assim que, no primeiro daqueles, parte da experiência pastoral de Roncalli para a compreensão da obra do Concílio como proposta para o nosso tempo. Por sua vez, no segundo, explora a ideia de «lembrar-se para amanhã», pondo em relevo o olhar retrospectivo de Paulo VI e a necessidade de olhar o mesmo Concílio a partir da situação presente. Finalmente, o último capítulo é uma exortação a «levar em si a herança do Vaticano II», pensando com e à maneira dele.

JORGE COUTINHO

SAGRADA ESCRITURA

GIGNAC, Alain, **L'Épître aux Romains**, « Commentaire biblique: Nouveau Testament » 6, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2014, 650 p., 230 x 150, ISBN 978-2-204-09258-6.

O autor deste volumoso livro, um leigo canadiano, biblista especializado em exegese neotestamentária, professor na universidade de Montréal, que a si mesmo se considera integrado na geração de exegetas do pós-Vaticano II, meditou e estudou ao longo de anos o texto grego da Epístola aos Romanos. Resultou daí o livro que agora é publicado, na sua língua francesa, fazendo ele questão de sublinhar que é preciso fazer teologia em francês, já que a maior parte da produção é hoje em língua inglesa, correndo-se um certo risco de pensamento único.

Na sua estrutura geral, o livro começa por alguns preliminares, em que se inclui uma vasta bibliografia geral (pp. 15-31), seguindo-se uma introdução (também geral: pp. 33-69) e depois, ocupando o grosso do volume, o comentário.

A introdução geral tem em mira situar as orientações do comentário, nela inserindo o autor algumas informações sobre o autor da Carta, o seu contexto, os seus objectivos redaccionais, os seus destinatários e a estrutura que Paulo quis dar ao seu texto. Mais concretamente, são aí versados, entre outras coisas, a autenticidade e integridade do texto, a comunidade romana, o género literário e a composição.

O corpo do comentário está distribuído por sete secções: Abertura da carta (secção I: 1,1-17); A justiça de Deus (secção II: 1,18-4-25); Por nosso Senhor Jesus Cristo (secção III: transição: 5,1-21); Como viver? Um debate sobre Pecado, Lei e Sopro (secção IV: 6,1-8,39); A eleição de Israel. Ou como Deus é justo e fiel? (secção V: 9,1-11,36); Como viver a vida boa? Exortações (secção VI: 12,1-15,13); Fecho da carta (secção VII: 15,14-16,27). Cada secção é precedida por uma breve introdução.

No interior de cada secção, o autor trata separadamente cada versículo ou cada perícopa, adoptando siste-

maticamente a sequência: tradução, interpretação e notas. Frequentemente, introduz bibliografia especializada sobre a respectiva perícopa e faz uso de tabelas esclarecedoras. A sua análise textual é, como se pode deduzir da grandeza do texto, muito minuciosa.

Cerca de sessenta páginas finais oferecem ao estudioso diversos índices: da Bíblia e da literatura antiga (579-606); dos temas (607-624); dos autores modernos (625-637), lista dos excursos; lista dos quadros e figuras e índice geral.

LUÍS SALGADO

VERMEYLEN, Jacques, **Le livre d'Isaïe. Une cathédrale littéraire**, coll. « Lectio divina », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2014, 240 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-10109-7.

Jacques Vermeylen – doutor da Universidade católica de Lovaina e professor emérito da Faculdade de Teologia de Lille – apresenta neste livro uma visão nova do livro de Isaías. Nova enquanto que – em diferença dos estudos já feitos sobre este livro do AT, que dele fazem leituras parciais (canónica, sincrónica, geográfica) – esta é uma leitura completa, recapitulativa e sintética, ao mesmo tempo que inovadora pelo panorama final que oferece sobre o mesmo livro, um livro com aparências de desordenado, contraditório e heterogéneo. Trata-se, pois, de uma compreensão renovada e total de Isaías. Tomando como ponto de partida a estrutura interna do livro, Vermeylen reinterpreta a sua unidade intrínseca e oferece respostas novas e insuspeitadas a interrogações recorrentes sobre quem era o profeta Isaías, qual a sua actividade no reino de Judá, qual a história,